



## As múltiplas faces do pensamento mestiço

Sergio Lewkowicz

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Fepal pela oportunidade de participar dessa mesa com amigos queridos e dando continuidade a uma discussão que iniciamos em 2019 durante o congresso da Febrapsi.

Há poucas semanas atrás na primeira conferencia do curso de pensadores “Fronteiras do pensamento” que se intitulava: “Em defesa da impureza”, Mia Couto declarou que somos todos mestiços. Explicou sob o ponto de vista biológico como nosso corpo é constituído por grande quantidade de bactérias e vírus. Além disso, explicou que se acredita que a espécie humana, como a conhecemos hoje em dia, iniciou através da invasão de uma bactéria para dentro de uma célula que fugia de uma mudança ambiental quando nosso planeta passou de um ambiente anaeróbico para outro aeróbico, formando o que conhecemos como mitocôndrias. Essa relação foi benéfica para a bactéria invasora e para a célula hospedeira chegando até a espécie humana. Esse exemplo da biologia e de nossa origem pode ser usado como uma metáfora de como a impureza, a mestiçagem pode ser benéfica para o crescimento dos participantes dessa relação de diferentes.

Por outro lado, essa ideia de mestiçagem quando usada com a finalidade de purificação, buscando a homogeneização das pessoas de diferentes raças, como ocorreu no Brasil pode ser extremamente destrutiva, pois visa acabar com as diferenças em relação a uma classe dominante branca através da não aceitação e da destruição das características que lhe são diferentes.

Assim, a proclamada mestiçagem de nosso país na verdade, desde a época colonial foi e, continua sendo uma forma de dominação e de manutenção de uma enorme desigualdade racial e social.

Durante o período português eram consideradas quatro raças pelas características físicas: brancos, negros, assimilados e indígenas. Após a abolição da escravatura, no final do século XIX e começo do século XX apareceram no Brasil ideias que levariam ao mito da fusão das três raças: os brancos, negros e indígenas. Uma ideologia nacionalista de que seríamos um povo, com uma raça e uma só língua. Com isso seria necessário o branqueamento da população no intuito de aumentar o nível mental da população negra considerada inferior. Os mestiços teriam assim um nível melhorado. Um mito que acaba por ser condicionante da realidade. Nessa linha foram trazidos os imigrantes brancos europeus que se misturariam com os negros e assim aumentariam seu nível intelectual.



Durante o Estado Novo isso foi assumido como uma política de Estado e, o discurso dominante foi da harmonização entre as três raças (negros, brancos e índios), baseado na cor da pele e deixando o movimento negro para a clandestinidade e privando a população negra de uma liderança efetiva. Com isso se mantinha a desigualdade cada vez maior e a mobilidade social era influenciada pela raça.

Em 1950 a UNESCO já contestava a ideia de que estaria havendo uma harmonia das relações raciais no Brasil, mas que não foi levada em consideração pelas autoridades. Após o golpe militar de 1964, os militares seguiram nessa mesma linha de que não havia racismo no Brasil e que estava havendo uma miscigenação da população.

Somente a partir da década de 1980 é que voltam a surgir lideranças negras (o Movimento Negro Unificado - MNU foi fundado em 1978) que contestam essa harmonia e denunciam nosso racismo violento e negado. Começam a surgir movimentos antirracistas.

De fato precisamos de um pensamento contramestiço tanto na realidade brasileira, como na psicanálise brasileira.

Esse tipo de pensamento parece estar presente quando ousamos escapar ao pensamento dominante e buscamos um pensamento diferente. Isso está próximo das ideias de Bion sobre transformações.

Como descreve Márcio Goldman Professor Titular do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ é o tipo de transformação que se encontra no blues, jazz, habanera e candomblé que parece estar ligada a busca de recomposição de um território perdido. Durante os 300 anos da escravidão cerca de 10 milhões de africanos foram trazidos para as Américas, sendo que cerca de 4 milhões para o Brasil. Foi o maior processo de desterritorialização e reterritorialização da história da humanidade (Goldman).

Um exemplo da contramestiçagem seriam as religiões de matriz africana nos ajudam a imaginar o encontro e casamento dos Deuses africanos com os espíritos indígenas no Brasil.

Ser afroindígena é “uma forma de se transformar em algo diferente do que se foi, mas que conserva uma memória do que se foi” (Goldman).

Ideia muito próxima da noção de transformação em Bion quando descreve que apesar das transformações algo sempre se mantém, o que ele denomina de invariância. Particularmente as transformações em O: tornar-se aquilo que se é.



Nesse conceito de contramestiçagem observaríamos também as diferenças, as invariâncias e não somente as sínteses, fusões e misturas. Algo semelhante à composição artística na qual pode se ver o conjunto, mas também os diferentes aspectos que a compõe.

Isso pode ser observado no sincretismo das religiões de matriz africana, também considerado como uma mestiçagem do espírito, onde apesar de uma aparência comum se percebem nitidamente os diferentes componentes. Essas religiões incluem suas origens africanas, a cosmologia indígena, o catolicismo popular e o espiritismo europeu.

Como frisado por José Carlos dos Anjos destacado antropólogo cabo-verdiano que leciona há mais de 10 anos na UFRGS a mestiçagem iniciou há 500 anos e ela foi introduzida pelos portugueses como uma guerra de raças, com fins de dominação, jogando uns contra os outros. Comparando a Ilha de Santiago de Cabo Verde com o Brasil, José Carlos dos Anjos observou que em Cabo Verde a guerra de raças está diminuindo, em parte pelo fato de que sempre se discutiu e enfrentou a questão racial, entre outros fatores, no entanto, no Brasil a questão racial sempre foi negada, desmentida e mal recebida, somente agora está eclodindo. Uma dessas manifestações é a guerra camuflada que existe no país contra juventude negra.

Nessa mesma linha gostaria de citar Ailton Krenak, indígena brasileiro, escolhido como o intelectual do ano no Brasil:

*Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos.”*

Krenak salienta como a diversidade pode ser enriquecedora.

Assim, uma mestiçagem espontânea que preserve a diversidade torna-se fonte de criatividade e é desejável, ao contrário da mestiçagem forçada artificialmente visando a homogeneização, o branqueamento da população.

A ideia do branqueamento da população parte da idealização e dominação efetuada pelos brancos em relação às outras raças que são desvalorizadas e inferiorizadas em uma complexa trama.



Rita Segato (2005, p.78), antropóloga argentina que viveu por muitos anos no Brasil, nos diz com clareza como estamos imbricados nestes laços:

*“[...] os que excluem e os excluídos não formamos continentes apartados sem conexão. Muito pelo contrário, fazemos parte de uma economia única que diz respeito tanto à ordem material como à ordem psíquica da sociedade nacional. O expurgo de um outro racialmente marcado como inferior é o gesto no qual se assenta e do qual depende a identidade mesma do sujeito pós-escravista branco. Este gesto reproduz, nas profundezas do psiquismo historicamente formado, a subjetividade da elite. [...]. Sendo assim, nessa “economia canibalística”, alterar a relação desigual das partes ameaça não somente a posição mas também a identidade mesma do sujeito de elite, ao tocar sua relação hierárquica de mais-ser em relação a outros que são-menos, geralmente marcados racialmente.”*

Na situação de racismo estrutural essas relações étnico-raciais, que tem sido vistas como relações entre a branquitude e a negritude, se desenvolvem precocemente e, na maioria das pessoas, se caracterizam por juízos de valor dissociados de suas intenções conscientes, ou seja, são inconscientes, e, sem percebermos, se transformam em julgamentos indiscutíveis, naturalizados que passam a reger nossa conduta. Assim, o modo de pensar da psicanálise pode e deve contribuir para que essas relações, assim estruturadas, possam ser visibilizadas e retiradas do seu silêncio (Lewkowicz, A, 2020).

Judith Butler ao descrever os vulneráveis enfatiza:

- certos humanos são reconhecidos como menos humanos e isso torna suas vidas inviáveis;
- certos humanos não são reconhecidos como humanos e isso torna suas vidas invivíveis.

Como podemos enfrentar o racismo estrutural?

Como podemos tentar transformar uma mestiçagem de branqueamento da população em uma mestiçagem que favoreça a diversidade e seja enriquecedora?

Como destacado enfaticamente por José Carlos dos Anjos somente através de políticas afirmativas. Os brancos não irão abrir mão de seus privilégios espontaneamente. É necessária uma verdadeira revolução com a garantia de vagas para pessoas negras nas Universidades, nas escolas, como



FRONTERAS  
33º CONGRESO  
LATINOAMERICANO  
DE PSICOANALISIS

PRIMER CONGRESO  
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE  
2020



candidatos às eleições, nos conselhos de administração de empresas, na diretoria de empresas e, assim por diante.

Penso que a psicanálise tem um papel fundamental nesse caminho para desvelar os processos racistas estruturais presentes em nossa sociedade e dentro de nós mesmos.

O racismo precisa ser visto, escutado e enfrentado nas instituições psicanalíticas, pois em nossa identidade analítica defendemos valores ligados à tolerância com a diversidade, com a verdade emocional, com a ética, mas até agora pouco têm se mencionado explicitamente entre esses valores e a justiça racial.

Justiça essa que pressupõe diferenças, mas não desigualdades. Dito de outra forma, através dos versos da poetisa brasileira Conceição Evaristo:

### **Do fogo que em mim arde**

Sim, eu trago o fogo,  
o outro,  
não aquele que te apraz.  
Ele queima sim,  
é chama voraz  
que derrete o bico de teu pincel  
incendiando até às cinzas  
O desejo-desenho que fazes de mim.